

## **A Definição Terminológica em Libras: Rumos e Frentes de Pesquisa**

### **Terminological Definition in Libras: Research Directions and Fronts**

Prof. Me. Eduardo Felten<sup>1</sup>

UnB/UFRGS

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José B. Finatto<sup>2</sup>

UFRGS

**Resumo:** Este artigo apresenta dados de um estudo-piloto de uma pesquisa de doutoramento em andamento sobre padrões da definição terminológica (DT) aplicáveis à Língua Brasileira de Sinais (Libras). A base teórica do trabalho provém de pesquisas que lidam com a definição na perspectiva das línguas orais escritas e com modelos de DT em pesquisas de Libras (FELTEN, 2016; NASCIMENTO, 2016; TUXI, 2017; VALE, 2018; D'AZEVEDO, 2019). O estudo relatado consiste na análise sobre a compreensão e na descrição de quatro DTs sinalizadas, com estruturas diferentes, selecionadas a partir de glossários de Libras de diferentes domínios. Em seguida, são feitas algumas considerações quanto aos aspectos linguísticos e extralinguísticos que são positivos e negativos na elaboração das definições. Como resultado, descrevem-se os aspectos relevantes para elaboração de DTs sinalizadas.

**Palavras-Chave:** Terminologia. Definição Terminológica; Estudo da definição Terminológica; Sinal-Termo; Língua Brasileira de Sinais.

**Abstract:** this article presents data from a pilot study of an ongoing PhD research on terminology definition (TD) standards applicable to the Brazilian Sign Language (Libras). The theoretical basis of the work comes from research that deals with definition from the perspective of oral languages in its written record and with TD models in Libras research (FELTEN, 2016; NASCIMENTO, 2016; TUXI, 2017; VALE, 2018; D'AZEVEDO, 2019). The reported study consists of an analysis of the understanding and description of four signed TDs, with different structures, selected from Libras glossaries from different domains. Then, some considerations are made regarding the linguistic and extralinguistic aspects that are positive and negative in the elaboration of definitions. As a result, the relevant aspects for the elaboration of signed TDs are described.

**Keywords:** Terminology. Terminological Definition. Study of Terminology Definition. Sign-Term. Brazilian Signs Language.

**Submetido em 10 de outubro de 2020.**

**Aprovado em 16 de dezembro de 2020.**

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Libras (UFSC) e História (UEG), mestre em Linguística (UnB). Atualmente é professor Assistente de Língua de Sinais Brasileira-LSB no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas-LIP, do Instituto de Letras-IL, da Universidade de Brasília-UnB. Atualmente é doutorando na linha de pesquisa Lexicografia, Terminologia e Tradução: relações textuais pelo a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [eduardofelten.unb@gmail.com](mailto:eduardofelten.unb@gmail.com)

<sup>2</sup> Pesquisadora do CNPq, professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). E-mail [mariafinatto@gmail.com](mailto:mariafinatto@gmail.com)

## **Introdução**

Este artigo tem como objetivo relatar um estudo piloto que integra uma pesquisa de doutoramento em andamento sobre padrões da definição terminológica (doravante DT) aplicáveis à Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras), no âmbito das Ciências Humanas. A pesquisa está em curso junto à linha de pesquisa “Lexicografia, Terminologia e Tradução: relações textuais”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG-LETRAS-UFRGS). Tanto os dados, quanto nossas reflexões sobre esse tipo de definição inserem-se em contextos de ensino-aprendizagem do Ensino Médio, os quais demandam materiais dicionarísticos que possam empregar uma linguagem facilitada ou simples.

Embora os estudos em Lexicologia, Terminologia e Terminografia da Libras tenham crescido nos últimos anos, ainda são poucas as pesquisas que visam à verificação dos perfis ou padrões da DT nessa língua, considerando as especificidades linguísticas e culturais do povo Surdo. Nesse sentido, essa ausência pode contribuir para a produção de materiais dicionarísticos pouco ou menos eficientes para o público Surdo. Além disso, pelo o que já verificaram diferentes autores (FELTEN, 2016; NASCIMENTO, 2016; TUXI, 2017; VALE, 2018; D’AZEVEDO, 2019; para citar alguns), geralmente os modelos de DT em produtos terminográficos em Libras são aqueles utilizados em línguas orais. Isso significa que, estruturalmente falando, utilizar modelos que funcionam, geralmente, numa língua oral-auditiva, pode não ser o mais adequado numa língua de modalidade visoespacial.

No cenário do trabalho terminográfico, que diz respeito à produção de dicionários especializados, que repertoriam termos e conceitos de diferentes áreas do conhecimento, a definição ocupa um lugar central (SAGER, 2000). Por essa razão, ao longo da pesquisa em andamento, buscamos por um modelo de DT que seja próprio para a Libras.

Nesse percurso, a definição, no âmbito dos Estudos da Linguagem e da Linguística, geralmente está associada a três principais tipos a saber: a definição lexicográfica, a definição enciclopédica e a definição terminológica (Cf. seção 2). Assim, o estudo apresentado por nós tem preferência pela DT. Isso posto, Finatto (2002) explica que esse tipo de definição se particulariza por ser o enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma área científica, técnica ou tecnológica. Para esta pesquisa, o modelo de definição em que buscamos deve ser adequada ao domínio das Ciências Humanas, especificamente relacionada à disciplina de História.

Para apresentar o caminho traçado por nós em busca de um modelo de DT eficiente para a Libras, dividimos este artigo em seis seções. A primeira traz algumas considerações sobre os diferentes tipos de definições de dicionários, que usualmente lidam com textos escritos, contrapondo-os à ideia de uma definição terminológica sinalizada (doravante **DTS**). Na segunda e na terceira seções, apresentamos o nosso estudo-piloto e algumas reflexões sobre o funcionamento da DT em Libras. Na quarta parte, fazemos considerações sobre a estrutura da DTS por meio da análise dos dados obtidos no estudo-piloto. Em seguida, retomamos alguns aspectos importantes e damos encaminhamento para os próximos passos da pesquisa. Por último, listamos e recomendamos as referências bibliográficas que serviram de base para este estudo.

Isso posto, iniciamos apresentando os diferentes tipos de definição no âmbito dos Estudos da Linguagem e da Linguística.

### **1. A Definição: tipologias em perspectiva**

A definição, sem dúvida, é o ponto central do trabalho terminográfico. Nesse sentido, elaborar uma definição – a prática de definir – nem sempre é uma atividade simples. Por essa razão, ao lidarmos com a definição como objeto de pesquisa, é indispensável buscarmos as origens dessa prática que consiste em traçar limites, distinguir conceitos de outros conceitos, descrever características, explicar e tecer relações entre as coisas que existem.

Na prática, a definição já era ponto de reflexões entre os filósofos clássicos. Para Aristóteles, por exemplo, uma definição é apresentada como “a frase que explica o que uma coisa é” (1987, p. 132). Já nos diálogos entre Sócrates e Teeteto, os pensadores admitem que “se apanhares num determinado objeto o que o distingue dos demais, apanhaste, como dizem alguns, sua explicação ou definição” (PLATÃO, 2001, p. 137). E, continua, “mas enquanto só atingires caracteres comuns, tua explicação dirá respeito apenas aos objetos que tenham de comum essa característica.” (Id. Ibid.), portanto, é importante que a definição explique, também, as diferenças.

Com essas ideias “clássicas”, temos a caracterização mais tradicional da definição do tipo lógico-filosófica, que deve ser feita com explicitação das categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Recorrendo a um exemplo da definição do termo *Independência do Brasil* “Movimento colonial elitista para a ruptura com Portugal” (DEL PRIORI; VENÂNCIO, 2010 apud FELTEN, 2016, p. 139) observamos que a indicação do *gênero próximo* MOVIMENTO COLONIAL ELITISTA e da *diferença*

*específica* PARA RUPTURA COM PORTUGAL lhe confere uma configuração tida como “modelar”.

Essas diretrizes tidas como clássicas, entretanto, não dão conta de uma série de condições ou necessidades dos diferentes fazeres definitórios. Nas áreas científicas, técnicas ou tecnológicas, por exemplo, essa definição tradicional parece não ser nem necessária e nem suficiente (HEGENBERG, 1974). Assim, precisamos ponderar sobre como essas categorias *gênero* e *diferença* poderiam ser adequadas para definir um termo científico ou técnico. Antes disso, vale revisar os diferentes tipos de definições dado que algumas de suas diferentes facetas podem ser aproveitadas para a nossa reflexão sobre a DTS. Isso posto, apresentamos, a seguir, os três tipos de definição no âmbito da Linguística.

### 1.1.A definição lexicográfica

O primeiro tipo de definição é a “definição lexical ou lexicográfica”. Esse tipo de definição é encontrado em dicionários de língua e em dicionários enciclopédicos que se propõe esclarecer os significados e distinguir os sentidos das palavras de uma língua (LARIVIÈRE, 1996). Para Alain Rey (1995), a definição lexicográfica está preocupada apenas com as palavras de uma língua. Para o autor, “*it explains meanings while trying to distinguish among senses and classes of usage of signs and not concepts and classes of things*” (p. 42).

Krieger e Finatto (2018) apresentam um grau de tipicidade pautado no grau de informação que leva uma definição lexicográfica. As autoras admitem que a tipologia de obras lexicográficas e terminográficas são redutoras, pois muitas vezes não há marcas claras entre um tipo e outro. No entanto, na perspectiva das autoras, as definições lexicográficas se caracterizam “pela predominância de informações linguísticas, tratando mais de palavras” (p. 167).

Segundo a perspectiva lexicográfica de Jackson (2002), a definição em dicionários monolíngues consiste “*of language turned back on itself, using the same language to describe as is being described*” (p. 93). Para o autor, de acordo com os tipos de definição lexicográfica, a mais evidente é a definição analítica. Esse tipo de definição declara o conceito por um termo superordenado, isto é, hiperônimo, que corresponde ao *gênero próximo*, associado com menos uma característica distintiva, isto é, *diferença específica*. Esta definição é a forma mais comum, pois é formulada por

meio de uma frase contendo as categorias *gênero* e *diferença*, conforme vimos na seção anterior.

### 1.2. A definição enciclopédica

O segundo tipo é a definição enciclopédica. Essa tipologia definicional possui, como característica principal, conter informações exaustivas sobre determinadas coisas. Por essa razão, é importante que façamos a distinção entre definição e descrição. Assim, Alain Rey (1995, p. 42) defende que uma definição deve explicar todos os traços relevantes de um significado, ou seja, todas as características conceituais e somente essas. Isso significa que a definição deve conter apenas os traços mais relevantes que descrevem um determinado conceito. Por outro lado, uma descrição pode acumular características consideradas relevantes e irrelevantes. Nesse sentido, Rey (Id. Ibid.) explica que uma definição enciclopédica apenas descreve as características relevantes e irrelevantes.

Essas características podemos observar na definição do termo *Noite das Garrafadas* (MELHORAMENTOS, 1971; p. 439-440)

nome que ficou conhecida a noite de 13-3-1831, durante a qual, nos tumultos que precederam a Abdicação, brasileiros *liberais* e portugueses *adotivos* entraram em sério conflito: a 11 de março o imperador regressava de uma viagem a Minas Gerais, onde fora recebido com frieza e até hostilidade. Para desagrává-lo, resolveram os portugueses homenageá-lo com grandes festas, e realmente o fizeram, queimando bombas e foguetes e acendendo grandes fogueiras pelas esquinas do quarteirão luso, então formado pelas Ruas do Rosário, Ourives, Direita e das Violas (...).

Na definição acima, podemos observar informações que podem ser consideradas relevantes, como a explicação do evento que deu origem ao termo, e irrelevantes, como datas e nomes das ruas do quarteirão onde moravam os portugueses apoiadores do imperador.

De outra forma, Bessé (1997, p. 66) aponta que a definição enciclopédica possui funções pedagógicas, pois apresenta uma série de informações com propósito didático. Em outra perspectiva, Cabré (1998) acredita que o significado encontrado em enciclopédias e dicionários enciclopédicos não são denominados definição, mas de artigo enciclopédico. Para a autora, o artigo enciclopédico consiste num conjunto de frases que formam em longa e quase exaustiva descrição do objeto definido.

Krieger e Finatto (2008, p. 167) explicam que as definições enciclopédicas “se ocupam mais de referências e de descrição de ‘coisas’”. Já na visão de Sager (1990), a definição enciclopédica descreve um conceito de uma maneira compreensível, fornecendo todas as suas funções etc., nos respectivos campos de assunto em que ele ocorre.

### 1.3. A definição terminológica

Em nossos estudos, o terceiro tipo de definição – a terminológica - é a que nos interessa. No campo teórico, a Terminologia, segundo Alain Rey (1984), está ligada a um sistema conceitual de uma determinada ciência, especialidade ou área do conhecimento. Ainda para o autor (1992; 1995), a DT se difere de outras, conforme apresentamos nas subseções anteriores (2.1. e 2.2.). A definição em Terminologia seria única por se tratar de um compromisso entre definição lexicográfica e descrição enciclopédica.

Sager (1990), por sua vez, explica que a definição, como um produto, “*is a linguistic description of a concept, based on the listing of a number of characteristics, which conveys the meaning of the concept*” (p. 39). Nesse sentido, uma DT identifica um conceito a partir das características exclusivas dentro de um sistema conceitual do qual o termo faz parte e o classifica nesse sistema.

Os estudos de Larivière (1996) explicam que o conceito é a base do processo terminológico. Dessa forma, a autora apresenta que o conceito “*se définit comme une représentation mentale d'un référent (ou chose) dénommée par un terme et explicitée, à la fois, par la place qu'il occupe au sein d'un système organisé de relations et par une définition*” (p. 409). Nesse sentido, a DT se propõe caracterizar, ou melhor, delimitar e distinguir um conceito de outros conceitos, representado por um termo que pertence a um sistema conceitual organizado.

Para Cabré (1998), a definição é uma formulação linguística que visa descrever um conceito. Para a autora, as DT são mais descritivas do que contrastivas, pois descrevem conceitos em referência exclusiva de um determinado campo conceitual e não de um sistema linguístico. Nesse sentido, para a formulação de uma DT, de acordo com Cabré (1998, p. 106), devem ser observados alguns princípios. Assim, uma DT deve: i) descrever um conceito; ii) distinguir o conceito do ente definido de outros conceitos de um mesmo ou diferente campo conceitual; iii) apresentar as dimensões

pertinentes de um campo conceitual; iv) estar localizado no campo conceitual ao qual um conceito pertence; v) se adequar aos objetivos do projeto em que se apresentam.

Além dos princípios acima apresentados, uma DT deve ser elaborada de acordo com uma série de recomendações (Id. Ibid.) que são: i) devem ser compatíveis com o tipo de definições usadas em um campo específico e, assim, devem iniciar a partir da estrutura pré-existente desse campo; ii) devem coletar todas as características essenciais de cada conceito, de acordo com a estrutura estabelecida pelo campo conceitual; iii) devem refletir as relações sistemáticas que um conceito estabelece com outros conceitos no mesmo campo conceitual; iv) devem incluir todas as características que são importantes para uma descrição completa do conceito, mesmo que não sejam essenciais.

Para Finatto (1998), a DT possui papel elementar na comunicação especializada. Entretanto, a importância de tal função é proporcional às dificuldades encontradas em seu estudo, pois exigem conhecimento dos diferentes fatores e condições que perpassam sua formulação. A autora traz experiência com definição ao participar do grupo para a elaboração de um dicionário de terminologia jurídico-ambiental (KRIEGER et al, 1998). Ao elaborar as definições para a obra, verificou em que medida essa definição pode constituir ponto de confluência entre a definição lexicográfica e a enciclopédica. Essa abordagem se fundamenta na ideia de Alain Rey (1995, p.42) sobre um possível entrelaçamento entre a definição lexicográfica e descrição enciclopédica.

Nesse caminho, Finatto (2001a) já explicava que, em Terminologia, os conceitos são tidos como “unidades de conhecimento e contêm apenas conhecimento factual ou técnico” (p. 214). Do seu ponto de vista, essa definição apresenta-se como um ponto de convergência entre o aspecto conceitual e o linguístico, pois a DT é um “texto cuja função é descrever as características que delimitam um conceito e a função de particularizá-lo num determinado sistema conceitual ou domínio” (Id. Ibid.).

Assim, um conceito é “a representação abstrata composta pelo conjunto de traços comuns e essenciais a um grupo de entidades (objetos ou ideias) e obtida pela subtração das características individuais” (Ibid., p. 213). Portanto, a definição estabelece “vínculo entre um termo, um conceito e um significado” (KRIEGER; FINATTO, 2018, p. 160) por meio de um texto que contêm “somente as características mais relevantes de um conceito ou categoria” (FINATTO, 2001a, p. 216).

Cada autor traz perspectivas sobre o tema que podem convergir ou divergir umas das outras. Mas, enquanto estudiosos em Terminologia, uma observação é importante: “o termo parece ter vida própria, pois muitas das fórmulas, regras, protocolos dos tipos

definitórios não se encaixam para muitos casos que se parecem, a princípio, semelhantes” (BALESTERO ET. AL., 2019, p. 23). Segundo os autores, “não é possível antecipar o tipo definitório que será utilizado [em um dado trabalho ou projeto]: primeiro faz-se a definição, depois se observa a sua estrutura para ver se cabe em algum molde e então se descreve o processo” (Id. Ibid.).

Essa consideração sobre o fato de um dado termo “parecer ter vida própria” parece ser significativo, sobretudo, na Libras. Enquadrar um determinado modelo de definição em todos os sinais-termo parece não satisfatório, conforme apresentaremos nas seções a seguir. De acordo com a nossa experiência em criação de sinais-termo e organização dessas unidades terminológicas sinalizadas (UTS) em glossários, verificamos que essas unidades possuem trato diferenciado de acordo com a natureza do conceito.

As visões apresentadas até aqui são modelos ou propostas pré-existentes que se enquadram e justificam em um cenário de línguas orais escritas. Para encontrarmos um modelo eficiente e específico para Libras, será necessário estudarmos as visões da DT já existentes. Delas, buscaremos aproveitar aquilo que contribuirá para a proposta de uma DTS, isolando os elementos que não se enquadram em uma língua de modalidade visoespacial.

## 2.A busca por uma concepção para a DTS

Para iniciarmos a análise de um tipo de definição, no caso a DT, não podemos deixar de lado a concepção filosófica. Nesse sentido, verificamos que a definição é uma prática que permeia a faculdade mental humana a qual procura expressar a natureza das coisas ou se formula a sua essência.

No âmbito da nossa pesquisa sobre definições em Libras, a definição do sinal-termo<sup>3</sup> corresponde ao resultado do processo através do qual terminólogos e terminógrafos de Libras selecionam as características dos conceitos utilizando sinais que descrevam, caracterizem, delimitem e expliquem esses conceitos. Vale destacar que esses conceitos podem ser de natureza icônica, processual ou eventual de um sinal que

---

<sup>3</sup> **Sinal-termo:** Termo da Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos com características de linguagem especializada, própria de classe de objetos, de relações ou de entidade. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira (FAULSTICH, 2012).

funciona como termo, respeitando o caráter linguístico visoespacial. Além disso, um sinal de uso comum pode, a depender do contexto de uso no texto e do discurso de especialidade, receber status de UTS.

Nesse sentido, estamos propondo, na nossa pesquisa, a designação ‘definição terminológica sinalizada’ (DTS). Essa designação serve ao propósito de fazer distinção entre a formulação de um enunciado definitório nas línguas orais escritas e das línguas de sinais. Na busca de um modelo ou padrão de definição apropriado na Libras, apresentamos, na seção a seguir, um conjunto de descrição e análise de estruturas de DTS feito em um estudo-piloto.

### 3. Descrição e análise de estruturas de DTS

Nosso estudo inicial consistiu na análise da compreensibilidade de quatro DTS com estruturas diferentes, selecionadas de glossários de Libras de diferentes domínios do conhecimento. Nas subseções a seguir, detalhamos os passos do estudo-piloto realizado.

#### 3.1. Recolha de diferentes definições de sinais-termo

Para fazermos a análise das DTS, selecionamos quatro definições de áreas distintas, a fim de averiguarmos quais modelos escolhidos são mais compreensíveis. Assim, selecionamos de forma aleatória quatro definições disponíveis em quatro glossários em Libras. As definições são referentes aos seguintes sinais-termo: i) *Aproveitamento de estudo*, selecionado do Glossário bilíngue de sinais-termo Técnico e Administrativos do Meio Acadêmico, proposto por Tuxi (2017)<sup>4</sup>; ii) *Independência do Brasil*, selecionado do Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de temas da História do Brasil, proposto por Felten (2016)<sup>5</sup>; iii) *Massa*, selecionado retirado do Glossário de Química desenvolvido pelo Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Palhoça Bilíngue<sup>6</sup>; e iv) *Comédia Pastelão*, selecionado do Glossário online de Libras desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> Link para acessar a DTS para *Aproveitamento de Estudos*: <https://youtu.be/W7ORNFsBCJE>.

<sup>5</sup> Link para acessar a DTS para *Independência do Brasil* <https://youtu.be/o0YToJ1eIQY>.

<sup>6</sup> Link para acessar a DTS para *Massa* <https://youtu.be/JCvE6v77n8g>.

<sup>7</sup> Link para acessar a DTS para *Comédia Pastelão* <https://youtu.be/61He3A-I13M>.

Embora as definições estejam disponíveis em Libras<sup>8</sup>, achamos importante traduzi-las para que estivesse registrado também em português escrito. Por estar registrado também nessa língua, é importante dizer que todas as análises empreendidas por este estudo foram realizadas diretamente na Libras. Não houve a necessidade de recorrer ao texto traduzido, visto que fugiria do nosso objetivo analisar as definições a partir do português escrito, uma vez que o nosso foco é o texto sinalizado. Isto posto, apresentamos, no quadro 1, a seguir, a tradução das definições.

**Quadro 1.** Tradução para o português escrito das definições em Libras

<b>Aproveitamento de estudo:</b> documento que analisa as disciplinas que o aluno estudou na UnB ou outra instituição superior crédito para aceitar ou não (TUXI, 2016).
<b>Independência do Brasil:</b> movimento colonial elitista para a ruptura com Portugal (FELTEN, 2016, adapt. DEL PRIORI, 2010).
<b>Massa:</b> o que massa significa? Massa é um termo da Química. Em outro contexto, M-A-S-S-A possui outro significado, entretanto, na Química, qual é o seu conceito? É a quantidade de matéria. Massa pode parecer, ou ainda, ser confundido com peso, mas é diferente. Por exemplo: o nosso corpo é composto por uma massa fixa ou que não se altera, por exemplo. Isso podemos observar quando subimos numa balança. Aqui na Terra nós temos um determinado peso. Entretanto, esse peso tem relação gravitacional. Por outro lado, se um astronauta fizer uma viagem espacial rumo à lua, lá a gravidade é diferente. Na lua parece que estamos flutuando, certo? Lá o seu peso terá um outro valor. Nesse ambiente onde a gravidade é diferente pode parecer que o corpo é mais leve, entretanto, o valor da massa é o mesmo que o da Terra. Os pesos no planeta Terra em comparação ao da lua são distintos, porém o valor da massa é o mesmo. (GLOSSÁRIO DE QUÍMICA -IFSC)
<b>Comédia pastelão:</b> é um tipo de comédia que utiliza o corpo, e não a fala, para atividades como quedas, arremesso do corpo em paredes, perseguições e torta na cara uns dos outros para proporcionar humor. (GLOSSÁRIO UFSC ONLINE)

**Fonte:** elaborado pelo autor

Selecionamos as definições dos sinais-termo acima mencionados, devido a sua estrutura de definição terminológica distintas, as quais apresentaremos na próxima subseção. Além disso, escolhemos áreas científicas e técnicas diferentes para que possamos ter noção das regras utilizadas pela equipe dos glossários e que tipo de critérios utilizam para a elaboração das definições em Libras.

### *3.2. Análise da compreensão das definições recolhidas*

Após a seleção das definições, conforme apresentamos na subseção anterior, procuramos verificar, a princípio, qual das quatro definições são mais claras ou compreensíveis pelos Surdos. De acordo com a nossa avaliação, nem todos os textos

definitórios são totalmente compreensíveis. Essa incompreensão ou falta de clareza se dá por vários motivos, os quais apresentaremos nesta seção.

Verificar a compreensão das DTS é importante pois, de acordo com o *feedback* dos Surdos, é possível identificar os elementos linguísticos e extralinguísticos que fazem com que determinado modelo seja totalmente claro, parcialmente claro ou não compreensível. Para verificar a compreensão dos textos definitórios em Libras, seguimos os seguintes passos: i) envio das DTS para os colaboradores Surdos; ii) aplicação do questionário e coleta das informações; e iii) análise das colaborações.

Para participar deste estudo, selecionamos treze colaboradores que atendiam a dois requisitos: ser Surdo(a) e ser pesquisador(a) na área do Léxico e Terminologia de Libras. Todos os(as) nossos(as) colaboradores(as) desenvolvem ou já desenvolveram pesquisa a nível de mestrado e/ou doutorado em algum Programa de Pós-Graduação de Universidade pública. Após fazer esse levantamento, selecionamos as DTS dos glossários apresentados *ad supra* e enviamos para todos os colaboradores via aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas para *smartphones*.

Em seguida, para a análise das definições por parte dos colaboradores, pedimos que respondessem duas perguntas: 1) das quatro definições, qual é mais compreensível? 2) Em relação à escolhida, quais critérios a faz mais compreensível? As perguntas foram enviadas em Libras, isto é, registradas em vídeo, para cada colaborador também via aplicativo multiplataforma de mensagem instantânea.

Após a análise, recebemos doze *feedbacks* em Libras e um em português escrito por parte dos colaboradores. É importante dizer que a maioria dos Surdos não foram diretos quanto às perguntas propostas, mas nos enviaram comentários importantes sobre cada uma das DTS. Isso nos proporcionou uma quantidade maior e valiosa de informações linguísticas e extralinguísticas contidas nos textos definitórios em Libras que julgaram adequadas ou inadequadas.

Infelizmente não será possível apresentar neste artigo a tradução da colaboração dos doze participantes. Entretanto, a partir dos relatos apontados pelos pesquisadores e colaboradores a respeito das definições dos sinais-termo selecionados, foi possível verificarmos alguns aspectos linguísticos e extralinguísticos que influenciaram na compreensão das DTS. Isso posto, compreendemos como aspectos linguísticos aqueles utilizados para a elaboração de uma paráfrase definitiva em Libras. Esses elementos são referentes às categorias gramaticais da Libras, bem como os princípios lexicográficos e terminográficos utilizados para a elaboração de um texto definitório.

Ao considerarmos as categorias gramaticais e os princípios lexicográficos e terminográficos para a elaboração de uma DTS que seja compreensível pelo público-alvo, entendemos que são elementos como as escolhas lexicais utilizadas na definição, a fluidez da sinalização, uso de hiperônimos e hipônimos, as expressões não-manuais, entre outras. Entretanto, de acordo com o quadro 2, verificamos que alguns dos aspectos levantados pelos colaboradores são comuns. Por outro lado, observamos que em outros aspectos houve divergências. Entre os fatores comuns houve elementos linguísticos positivos, isto é, que ajudam na compreensão e clareza de uma DTS. No entanto, foram apontados elementos linguísticos negativos, ou seja, que atrapalham na compreensão e clareza da DTS. Vale esclarecer, ainda, que não há um consenso entre os aspectos apontados pelos colaboradores. Isso significa que os aspectos linguísticos e extralinguísticos positivos levantados por uns não foram igualmente considerados da mesma forma por outros.

Por essa razão, para organizar os dados levantados, selecionamos os principais aspectos convergentes apontados pelos colaboradores como fatores importantes que contribuem para a compreensão de uma DTS e os dividimos em quatro grupos, a saber: 1) aspectos linguísticos positivos; 2) aspectos linguísticos negativos; 3) aspectos extralinguísticos positivos; 4) aspectos extralinguísticos negativos.

Apresentadas as considerações a respeito do levantamento dos dados, apresentamos, por meio dos quadros 2, 3, 4 e 5, respectivamente, os aspectos de natureza linguísticos e extralinguísticos positivos e negativos, que influenciaram na compreensão das DTS.

**Quadro 2.** Aspectos **positivos de natureza linguística** que contribuem para a boa compreensão de uma DTS

<b>Aproveitamento de Estudo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Uso de hiperônimo;</li> <li>2. Sinalização clara e atraente;</li> <li>3. Uso das regras lexicográficas quanto ao comentário semântico</li> </ol>
<b>Independência do Brasil</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Uso de hiperônimo;</li> <li>2. Necessidade do uso de expressões faciais;</li> </ol>
<b>Massa</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Texto definitório relacionado ao contexto de uso;</li> <li>2. Definição ligada a outros campos do verbete; uma mesma sequência;</li> <li>3. Analogias e distinções na definição;</li> <li>4. Sinalização fluída e atraente;</li> <li>5. Repertório definitório mais simples;</li> <li>6. Uso da escrita de sinais para o item remissivo;</li> <li>7. A sinalização desperta interesse por parte do</li> </ol>

	<p>consulente;</p> <p>8. Texto do verbete seguido por sinal-termo e definição numa mesma estrutura;</p> <p>9. Poderia ser usado elementos extralinguísticos para melhor compreensão do conteúdo proposto (SUGESTÃO DO COLABORADOR);</p>
<b>Comédia Pastelão</b>	<p>1. Exploração do espaço neutro da construção do enunciado definitório;</p> <p>2. Sinalização fluída e atraente;</p> <p>3. Repertório definitório mais simples;</p> <p>4. Definição mais sucinta e objetiva;</p> <p>5. Uso de contexto na definição;</p> <p>6. Texto definitório mais descritivo (talvez pelo uso do contexto na definição);</p> <p>7. Uso de aspectos linguísticos próprios da Libras para a construção da paráfrase definitória;</p>

**Fonte:** elaborado pelo autor

**Quadro 3.** Aspectos **negativos de natureza linguística** que contribuem para a compreensão de uma DTS.

<b>Aproveitamento de Estudo</b>	<p>1. Uso de repertório lexical e terminológico desconhecidos;</p> <p>2. Linguagem acadêmica;</p> <p>3. Não há clareza quando a combinação entre hiperônimos e hipônimos;</p> <p>4. Uso de repertório definitório específico;</p> <p>5. Repertório definitório mais denso ou difícil;</p> <p>6. Dúvida quanto à área de especialidade dos sinais-termo devido ao repertório lexical utilizado na construção da paráfrase definitória em sinais;</p> <p>7. Texto definitório muito sucinto;</p>
<b>Independência do Brasil</b>	<p>1. Uso da soletração;</p> <p>2. Sinalização não fluída, isto é, com muitas pausas;</p> <p>3. Linguagem acadêmica;</p> <p>4. Uso de repertório lexical e terminológico desconhecidos;</p> <p>5. Uso da fonte bibliográfica nos campos do verbete;</p> <p>6. Ausência de fluidez na sinalização do texto definitório.</p> <p>7. Ausência do uso de referentes dêiticos no espaço de sinalização;</p> <p>8. Uso de repertório definitório específico;</p> <p>9. Repertório definitório mais denso ou difícil;</p> <p>10. Ausência das respostas do “<i>o que é</i>” e “<i>para que serve</i>”;</p>

<b>Massa</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Falta de clareza quanto ao conceito do termo;</li> <li>2. Ausência de informações do conceito do termo na construção fonomorfológicos do sinal;</li> <li>3. Problema homonímico (o sinal pode ser confundido com o de <i>WORKSHOP</i>);</li> <li>4. Definição resumida;</li> <li>5. Ausência de regras para a estruturação do verbete ou campos do verbete não definidos;</li> <li>6. Informações em escrita de sinais (perda do foco);</li> <li>7. Parece ter dois conceitos apresentados, o que causa confusão quanto a qual conceito está a ser apresentado;</li> </ol>
<b>Comédia Pastelão</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Definição resumida ou sucinta;</li> <li>2. Escolhas lexicais que causam confusão no exemplo aplicado no texto definitório sinalizado;</li> </ol>

**Fonte:** elaborado pelo autor

**Quadro 4.** Aspectos positivos de natureza extralinguística que contribuem para a compreensão de uma DTS.

<b>Aproveitamento de Estudo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Uso adequado das cores da vestimenta para a distinção dos campos do verbete;</li> <li>2. Fundo neutro adequado (azul ou verde);</li> </ol>
<b>Independência do Brasil</b>	Sem aspectos positivos levantados.
<b>Massa</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Uso de elementos extralinguísticos na compreensão da definição;</li> </ol>
<b>Comédia Pastelão</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Respeito às regras lexicográficas de comentário de forma;</li> <li>2. Uso do fundo neutro no conforto visual do consulente;</li> <li>3. Uso do fundo azul e da vestimenta preta pelo sinalizante para o benefício do público surdocego;</li> <li>4. Boa edição de vídeo;</li> </ol>

**Fonte:** elaborado pelo autor

**Quadro 5.** Aspectos negativos de natureza extralinguística que prejudicam a boa compreensão de uma DTS

<b>Aproveitamento de Estudo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Necessidade de conhecimento prévio da área;</li> </ol>
<b>Independência do Brasil</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não está claro a mudança dos campos do verbete;</li> <li>2. Não está claro a mudança das cores da vestimenta do sinalizante;</li> <li>3. A troca de cores atrapalhou na compreensão do conteúdo proposto.</li> </ol>
<b>Massa</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O uso de muitas informações extralinguísticas no verbete;</li> </ol>

	2. Uso da vestimenta do sinalizante apenas com preta (isso implica campos do verbete não definidos);
<b>Comédia Pastelão</b>	1. Vídeo com pouca iluminação;

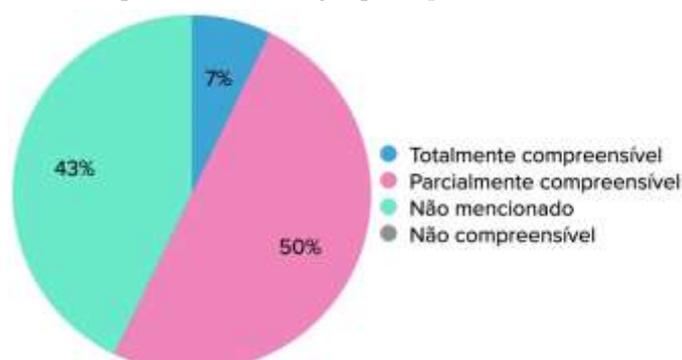
**Fonte:** elaborado pelo autor

A partir dos aspectos positivos e negativos de natureza linguística e extralinguística, foi possível identificarmos qual, das quatro DTS, foi a mais compreensível. Para isso, criamos os seguintes critérios: 1) definição *totalmente compreensível*; 2) definição *parcialmente compreensível*; 3) definição *não compreensível*; e 4) definição *não mencionado*.

Consideramos como definição *totalmente compreensível* aquela que, conforme as impressões dos colaboradores, fora escolhida como a mais clara e coerente, levando em consideração os aspectos linguísticos positivos. Já a definição considerada como *parcialmente compreensível* é aquela que foi apontada como entendida ou assimilada, mas que também foram apontados pelos colaboradores aspectos que atrapalharam na leitura, elementos linguísticos ou extralinguísticos considerados negativos. A definição *não compreensível*, por sua vez, é aquela apontada como totalmente incompreensíveis. E a definição *não mencionada* é aquela que nenhum colaborador mencionou em suas contribuições.

Abaixo, nos Gráficos 1, 2, 3 e 4 respectivamente, apresentamos o resultado da análise das definições de acordo com os critérios apresentados.

**Gráfico 1.** Compreensão da definição para *Aproveitamento de Estudos*

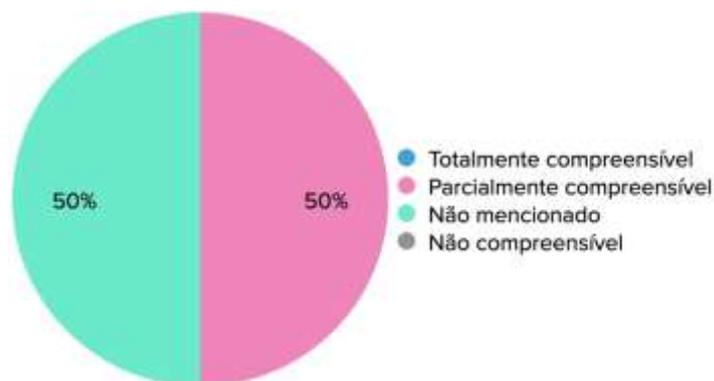


**Fonte:** elaborado pelo autor

Na análise para *Aproveitamento de Estudos* verificamos que 50% consideraram esta DTS como parcialmente compreensível. 43% não mencionaram se esta definição era *totalmente compreensível* ou *não compreensível*. Apresentaram, na verdade, argumentos relacionados aos aspectos linguísticos e extralinguísticos que atrapalharam

a sua compreensão, mas não a consideraram *não compreensível*. Entretanto, apenas 7% consideraram DTS como *totalmente compreensível*. Esta DTS não foi considerada por nenhum(a) colaborador(a) como *não compreensível*.

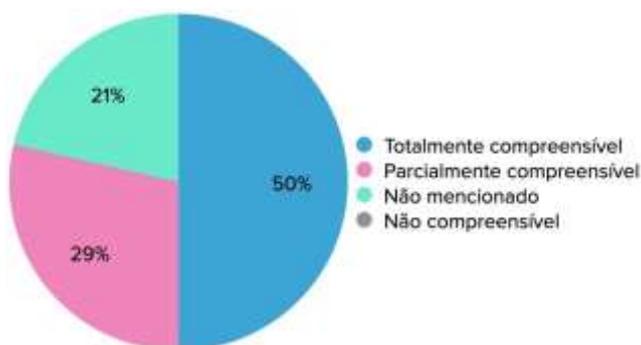
**Gráfico 2.** Compreensão da definição para *Independência do Brasil*



**Fonte:** elaborado pelo autor

Na análise para *Independência do Brasil* identificamos que 50% consideraram esta DTS parcialmente compreensível e outros 50% não mencionaram se esta definição era *totalmente compreensível*, *não compreensível* ou *não mencionada*. Os colaboradores apresentaram, na verdade, argumentos relacionados aos aspectos linguísticos e extralinguísticos que atrapalharam a sua compreensão, mas não a consideraram *não compreensível*.

**Gráfico 3.** Compreensão da definição para *Massa*

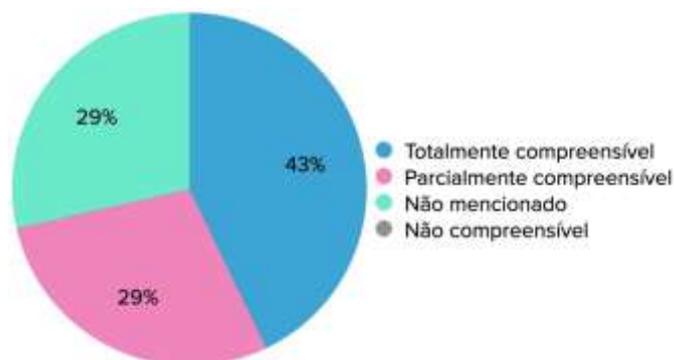


**Fonte:** elaborado pelo autor

Na análise para *Massa*, verificamos que 50% consideraram que esta DTS é *totalmente compreensível*. 29% apresentaram argumentos relacionados aos aspectos linguísticos e extralinguísticos que atrapalharam a sua compreensão, mas não a consideraram *não compreensível*, portanto, a consideramos *parcialmente*

*compreensível*. Entretanto, 21% *não mencionaram* esta DTS como *totalmente compreensível, parcialmente compreensível* ou *não compreensível*.

**Gráfico 4.** Compreensão da definição para *Comédia Pastelão*



**Fonte:** elaborado pelo autor

Na análise para *Comédia Pastelão*, identificamos que 43% consideraram que esta DTS é *totalmente compreensível*. 29% apresentaram argumentos relacionados aos aspectos linguísticos e extralinguísticos que atrapalharam a sua compreensão, mas não a consideraram *não compreensível*. Portanto, a consideramos *parcialmente compreensível*. Entretanto, outros 29% *não mencionaram* esta DTS como *totalmente compreensível, parcialmente compreensível* ou *não compreensível*.

Diante dos dados levantados, é possível ponderar sobre quão complexas são as propriedades inerentes ao processo de significação numa língua visoespacial. Isso demonstra que, ao formularmos uma definição, são impulsionados, organizados e atualizados diversos valores e potencialidades de um determinado conhecimento e significação. Nesse processo, percebemos que pode haver dificuldades de encontrarmos os elementos necessários numa língua de sinais, frente aos aparatos analíticos de uma tradição dos estudos linguísticos moldados pela realidade de língua oral escrita.

Isso demonstra, no entanto, que o processo de significação em Libras, ao que nos parece, há não só fatores linguísticos envolvidos na elaboração de uma bora DT, mas também elementos extralinguísticos. Esses últimos elementos podem ser, por exemplo, cor da vestimenta do sinalizante, informações em *Sign Writing*, imagens etc. Os elementos extralinguísticos estão associados ao registro do texto definitório visual. Assim, este estudo foi capaz de localizar e discutir possíveis fatores juntivos para que uma DTS possa ser elaborada de forma satisfatória.

Dessa forma, apresentamos os subsídios iniciais resultantes da análise das DTS, resumindo algumas orientações necessárias para que alcancemos uma DTS adequada. Para isso é importante observarmos os seguintes fatores:

1. Público-alvo: determinar o perfil do público consulente antes de se iniciar uma obra.
2. As propriedades da definição que integra as terminologias técnico-científicas: considerar o teor das informações e traços suficientes e necessários. Isto é, o conteúdo das informações contidas na DT deve concordar com as características inerentes às áreas científica, técnica ou tecnológica. Isso significa que as propriedades da definição devem seguir o perfil do domínio em que se enquadram. Considerar, ainda, aquilo que é importante para compor a DTS e que poderá contribuir com a compreensão do sinal-termo por parte do consulente. Essas propriedades podem ser, ainda, informações tidas como “irrelevantes”, mas que, de acordo com a área do conhecimento e as necessidades do consulente, se tornam relevantes.
3. Elementos linguísticos: identificar quais Unidades Lexicais Sinalizadas (ULS) e como essas unidades se combinam a fim de apresentar os traços suficientes e necessários do sinal-termo.
4. Elementos extralinguísticos: reconhecer as normas de registro videográfico em Libras como cor do fundo do vídeo, vestimenta do sinalizante e proporções da tela; o uso de figuras, imagens e vídeos; considerar os axiomas apresentados pela lexicografia e terminografia da Libras quanto à constituição da DTS e sua relação com a macro e microestrutura da obra.

A relação entre esses quatro fatores, por um lado, nos favorece no sentido de sabermos aquilo que influencia na elaboração de uma DTS e que, muitas vezes, não são levados em consideração por parte dos terminólogos e terminógrafos. Não basta apenas observarmos os seguimentos que compreendem a menção do *gênero próximo* e da *diferença específica*, mas é fundamental, na etapa de formulação de uma DT, os fatores aqui denominados como condicionantes, para bem estruturá-la. Isso é que Finatto (2001b) já denominou como “entorno de significação”.

Por fim, o reconhecimento dos aspectos levantados pelos pesquisadores Surdos em terminologia de Libras descritos por este estudo, nos apontam caminhos significativos que nos possibilita identificar a melhor estrutura de DT em Libras no domínio das

Ciências Humanas. Na seção, a seguir, apresentamos uma análise da estrutura das definições já consideradas quanto à sua compreensibilidade.

### 3.3. Análise da estrutura das definições

#### 3.3.1. Aproveitamento de estudos

A estrutura da DTS para *aproveitamento de estudos* (quadro 1) está baseada nos estudos em DT a partir das categorias verbais sistematizadas proposto por Finatto (2001) e adaptado por Nascimento (2016). A reformulação da DTS tem a finalidade de contemplar as necessidades do público-alvo Surdo. Assim, para a elaborar a definição, algumas categorias são utilizadas. Essas categorias são representadas por: O QUE É X; COMO FUNCIONA X; e PARA QUE SERVE X. De outro modo, a definição proposta também atende ao modelo clássico composto pelas categorias *gênero* e *diferença*.

Isso significa que o sinal-termo correspondente a *aproveitamento de estudos* possui a sua paráfrase composta por *gênero* e *diferença*. Isso posto, a DT possui a seguinte estrutura:

**Aproveitamento de estudos:** O QUE É X (*gênero próximo*) + COMO FUNCIONA X + PARA QUE SERVE X (*diferença específica*).

Isso significa que a definição para *Aproveitamento de estudos* é composta por “*gênero*” (documento) + *diferença* (que analisa as disciplinas que o aluno estudou na UnB ou outra instituição superior crédito para aceitar ou não). Dessa forma, as categorias COMO FUNCIONA X (B); e PARA QUE SERVE X (C) são as diferenças específicas. Essas categorias são herdadas da estrutura de definição utilizada nas línguas orais escritas. A princípio, essa herança nos parece importante e positiva funcionando como orientação para as informações necessárias na elaboração de uma DTS, mas não suficientes.

#### 4.3.2. Independência do Brasil

A estrutura da DTS (quadro 1) adotada para definir os sinais-termo do glossário sistêmico bilíngue de termos da História do Brasil, é o modelo de definição lexicográfico e terminológico conhecido como modelo canônico e pragmático. A definição proposta atende ao modelo de Faulstich (2014), em que o composto é representado pela seguinte estrutura: i) o que é X; ii) para que serve X; de modo que “X” corresponde a forma/signo e condensa “Y”. Esse modelo tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*.

Para criar a paráfrase definitória para *Independência do Brasil*, foram utilizados o *gênero próximo* (o que foi), o qual entendemos aqui como o termo mais genérico (hiperônimo), e a *diferença específica* (para que serviu), o qual são utilizados propriedades distintivas e outras ULS (hipônimos). Nesse sentido, Faulstich (2014) define o que é um hiperônimo e um hipônimo. Conforme explica a autora, o hiperônimo é um “termo cujo significado inclui o significado de outros, por isso é também chamado de termo genérico. Num dicionário ou glossário, o hiperônimo é, normalmente, a expressão léxica que inicia a definição” (p. 183). Já o hipônimo é um “termo cujo significado representa uma subclasse em relação a um hiperônimo, por isso é também chamado de termo específico” (Id. Ibid.). A autora acrescenta que “a soma do conteúdo semântico do hiperônimo mais a do hipônimo delimita e distingue os conceitos na descrição do termo” (Id. Ibid.).

Portanto, para que uma definição possa ser pautada pela concepção canônica e pragmática, deve ser composta pela soma do conteúdo do hiperônimo, isto é, com o termo mais genérico e que geralmente se inicia a paráfrase definitório, somado ao conteúdo semântico do(s) hipônimo(s) que delimita(m) e distingue(m) o conceito da descrição do sinal-termo.

No verbete em português, a fim de contemplar os aspectos enciclopédicos e outras informações importantes que não cabem no modelo de definição canônico adotado, o autor utiliza o campo do verbete **nota**. No que tange às Ciências Humanas, mais especificamente à História, esse campo do verbete mostrou-se como uma estratégia metodológica fundamental. Isso porque a estrutura sintetizada do enunciado definitório pautado no modelo canônico e pragmático parece ser insuficiente para contemplar informações complementares que estejam de acordo com a natureza do campo de domínio e das necessidades linguísticas e extralinguísticas do consulente.

#### 4.3.3. *Massa*

A DTS de *massa* (quadro 1) revela um potencial modelo para a elaboração da paráfrase definitória. Esse modelo de definição considerado por nós favorável responde o que é *massa*, e traz aspectos distintivos, por exemplo, que *massa* se difere de *matéria*. Essa distinção é apresentada com analogias contextuais para facilitar a compreensão do consulente. Assim, no caso desta DTS, percebemos que a estrutura utilizada é um tanto mais complexa.

No início do texto definatório, é dito que o que *massa* significa por meio da seguinte estrutura combinatória: “**X SIGNIFICA O QUE?**”. Nesse caso, “X” corresponde ao sinal-termo. A partir disso, observamos uma particularidade na estrutura dessa definição. É verificado o uso do sinal-termo definido (*definiendum*) no texto definatório. Entretanto, conforme as regras sobre a elaboração de uma DT adequada, o ente definido não deveria ser utilizado no texto definatório.

De outra forma, observamos que o sinal-termo cabe apenas na combinação entre o substantivo, no caso *massa*, e o pronome interrogativo QUE. Portanto, “**X SIGNIFICA O QUE?**”. Esse tipo de pergunta retórica é recorrente na Libras, pois, em muitos contextos, se utiliza essa estratégia para preparar os interlocutores para receberem as informações posteriores, conforme esclarece Lemos (2014). É interessante observarmos que essa tática utilizada na DTS para *massa* possui três funções: i) preparar o interlocutor para informações posteriores; ii) dar ênfase a uma informação relevante; e iii) para evocar o ente definido. O uso do sinal-termo definido na paráfrase definatória é utilizada em outras estruturas de DT por nós analisadas em 3. Isso significa que há indícios do possível uso do ente definido no texto definatório, uma vez que os colaboradores especialistas entrevistados escolheram esse modelo de definição como o mais compreensível.

No que tange à estrutura da definição em questão, embora se utilize a combinação “**X SIGNIFICA O QUÊ?**”, não há a informação logo em seguida sobre o que “X” é. Na verdade, é apresentada a área de domínio em que “X” está inserido. Isto é, *massa* pertence a uma área científica, técnica ou tecnológica, ou seja, a Química.

Em outra parte da definição, percebemos que há uma nova relação. A definição diz que *massa*, sinal-termo correspondente pertencente à Química pode ser confundido com outro conceito. Nesse momento não se usa o sinal-termo correspondente a *massa*, mas sim a soletração M-A-S-S-A. Aqui temos uma situação interessante. Ao usar a soletração e não o sinal-termo, verificamos que o uso dessa estratégia linguística é para mostrar que essa palavra em português pode ter outros significados a depender do contexto de uso.

Desse modo, entendemos que os contextos utilizados na DTS para o sinal-termo de *massa* superam a função onde se demonstra o seu uso na linguagem de especialidade. Esses exemplos, ao que nos parece, trazem características que distinguem os conceitos apresentados, isto é, *massa* e *peso*. Esses traços são informações que possuem caráter mais didático para explicar o conceito de *massa*.

Diante da análise realizada, a estrutura da definição possui uma sequência para explicar, de forma didática, o conceito de *massa*. A sequência é a que segue:

1. MASSA SIGNIFICA O QUÊ;
2. MASSA PERTENCE À QUÍMICA;
3. MASSA É...;
4. M-A-S-S-A EM OUTRO CONTEXTO É...;
5. EXEMPLO: um determinado corpo possui uma quantidade de massa;
  - 5.1. CONTEXTO 1: um corpo na terra tem um determinado peso;
  - 5.2. CONTEXTO 2: um corpo na lua tem peso diferente que o da terra;
  - 5.3. HIPÓTESE: peso muda, mas a massa continua a mesma.

A partir da DT analisada, pudemos fazer as seguintes constatações. Primeiramente, o uso do sinal-termo no texto definatório possui importância na DTS se estiver combinado com algum pronome interrogativo. Isso servirá como pergunta retórica, cuja função será preparar o interlocutor para uma informação posterior, introduzir uma informação relevante e evocar o ente definido.

A segunda constatação é a apresentação da área do conhecimento em que o sinal-termo está inserido. Essa informação na estrutura da definição pode parecer prolixa, uma vez que o verbete do qual selecionamos a definição se enquadra num glossário de Química.

Outra consideração que podemos fazer é quanto ao uso do sinal EXEMPLO. Este sinal é utilizado para apresentar os contextos que distinguem os conceitos de *massa* e *peso*. A princípio, o uso dessa ULS pode ser confundido com o contexto de uso do sinal-termo na linguagem de especialidade. Entretanto, o sinal é empregado com a função de explicar ou apresentar as características que distinguem os conceitos em questão, e não como exemplos de uso.

Por fim, observamos que não há campos do verbete bem definidos. Porém, vale acrescentar que, embora os campos do verbete não estejam bem delimitados, isso não significa que o registro não seja considerado de fato um verbete. Desse modo, o verbete selecionado para a análise da definição traz informações mínimas que compõem a estrutura de um verbete. Portanto, a ausência de critérios terminográficos bem definidos tende a dificultar a identificação dos campos que compõem a microestrutura. Isso não significa que não há um funcionamento lógico do que é apresentado. Pelo contrário, há

informações relevantes que se adequam às necessidades do consultante, tornando a DTS mais circular e não tão concisa e objetiva.

#### 4.3.4. *Comédia pastelão*

Para a elaborar a definição, isto é, para a formulação da paráfrase para *comédia pastelão* (quadro 1), identificamos alguns traços distintivos utilizados. Esses traços são representados pelas seguintes categorias: **O QUE É COMÉDIA PASTELÃO**; **COMÉDIA PASTELÃO USA O QUE**; **O QUE COMÉDIA PASTELÃO NÃO USA**; e **COMÉDIA PASTELÃO SERVE PARA QUE**.

De outro modo, a definição proposta possui caráter extensionista, pois os traços representados pelas categorias enumeram as características distintivas inerentes ao conceito do sinal-termo. Outra observação interessante ao analisarmos a estrutura da definição, é que não há a necessidade de distinguir *comédia pastelão* de *comédia romântica*, por exemplo. Isso porque o conceito do sinal-termo, a priori, parece não apresentar uma confusão conceitual como acontece entre *massa* e *peso* procedentes do léxico comum.

Assim, a DTS para *comédia pastelão* possui a seguinte sequência:

1. COMÉDIA PASTELÃO É: tipo de comédia;
2. COMÉDIA PASTELÃO USA: o corpo;
3. COMÉDIA PASTELÃO NÃO USA: voz;
4. COMÉDIA PASTELÃO SERVE PARA 1: para atividades;
  - 4.1. POR MEIO DE: quedas, arremesso do corpo em paredes, perseguições e torta na cara uns dos outros;
  - 4.2.COMÉDIA PASTELÃO SERVE PARA 2: proporcionar humor.

Aqui estamos diante de uma estrutura que utiliza verbos para a sua elaboração. Vimos um modelo semelhante nos estudos de Finatto (2001a) que são aplicados sob um modelo de redefinição (Cf. NASCIMENTO, 2016; TUXI, 2017; D'AZEVEDO, 2019). Assim, a estrutura verbal na DTS para *comédia pastelão* possui as características: **Éoque**, **USAoque**, **nãoUSA**, **SERVEpara**.

Por meio dessa estrutura verificamos que, além da enumeração das características que definem o termo, possui, igualmente, as categorias *gênero* e *diferença*. Além disso, o sinal-termo apresenta duas funções: 1) para atividades; e 2) proporcionar humor. À medida que apresenta para o que serve esse tipo de comédia, são enumeradas

na DTS as características inerentes para que o humor seja proporcionado. Assim, *comédia pastelão* é um tipo de comédia (*gênero*) e, por meio das características apresentadas (*diferença*), a distingue de outro tipo de outro gênero cinematográfico.

## 5. Considerações sobre a estrutura da DTS

Após comparar e avaliar as definições de alguns sinais-termo em diferentes glossários podemos fazer algumas considerações. A primeira delas, conforme já apresentamos na análise das definições na seção 4, é quanto à importância das categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Observamos a presença dessas categorias na estrutura de três, das quatro DTS. Por essa razão, verificamos que essas categorias são importantes para a elaboração de uma DT, porém apenas o uso dessas categorias é insuficiente para a produção de uma definição considerada compreensível, adequada e eficiente.

A segunda consideração diz respeito à presença do ente definido na paráfrase definitória. Esse fenômeno podemos observar na estrutura **X SIGNIFICA O QUE?** apresentada na DTS correspondente a *massa*. Isso nos leva a refletir se é possível combinações que se adequam a área científica, técnica ou tecnológica. Essa reflexão é pertinente, pois o nosso estudo busca um modelo de DTS adequado para as Ciências Humanas.

Outra consideração que podemos fazer a partir da análise da DTS para o termo “massa”, é quanto ao uso do sinal referente a EXEMPLO. Conforme verificamos, este sinal é utilizado para apresentar os contextos que distinguem, sobretudo, conceitos. Reiteramos que a hipótese que o uso dessa ULS pode ser confundido com o contexto de uso do sinal-termo na linguagem de especializada. Entretanto, é empregado com a função de explicar ou apresentar as características que distinguem os conceitos em questão, e não como exemplos de uso.

Dessa forma, é importante esclarecermos que o exemplo possui caráter pedagógico. Entretanto, o uso dessa estratégia só funcionará se estiver vinculado à explicação do conceito do sinal-termo. Se não houver intenção distintiva conceitualmente falando, não passará, na verdade, e um exemplo de uso na linguagem de especialidade.

Verificamos uma estrutura verbal muito parecida com a proposicional (FINATTO, 2001a) cujas categorias são: **É**oque, **USA**oque, não**USA**, **SERVE**para.

Devemos analisar se o uso desses verbos é determinante para responder às necessidades de informações consideradas suficientes em DTS relacionadas a termos da História do Brasil. Tais categorias nos parecem, a princípio, importantes para auxiliar o terminógrafo de Libras a escolher um repertório lexical adequado ao público-alvo.

Além disso, a elaboração das DTS possui objetivos diferentes. Tais objetivos, que levam em consideração a natureza da área de domínio e o público-alvo, parecem interferir na estrutura da DT em Libras. Isso explica a razão da DTS de *comédia pastelão* não precisar necessariamente de uma explicação para distinguir conceitos como pudemos observar da DTS de *massa*. Essa distinção, conforme refletimos em seções anteriores, são necessárias para que o público-alvo não confunda conceitos diferentes que tem, no português, o mesmo termo. Diante disso, percebemos que essa explicação de cunho conceitual parece resolver uma questão homonímica advinda do português.

Por fim, devemos dar relevância ao caráter extensionista da definição. Dentro dos estudos da Semântica e da Pragmática, o caráter extensionista é utilizado, a partir de diferentes situações num mundo possível, como função para representar o conceito de intensão (MOURA, 1999). Assim, esse tipo de definição traz exemplos e analogias que enumeram as funções e as intensões estabelecem um vínculo entre o sinal-termo, o conceito e seu significado.

Diante das considerações levantadas a partir da análise da estrutura das definições, apresentamos alguns aspectos que parecem favorecer a elaboração de uma DTS. Esses aspectos estão descritos no Quadro 6, a seguir.

**Quadro 6.** Aspectos reconhecidos como relevantes para a elaboração de uma DTS

Uso das categorias <i>gênero próximo</i> e <i>diferença específica</i> ;
Uso do ente definido por meio da combinatória X SIGNIFICA O QUE;
Observar a área de domínio e o público-alvo;
Uso de contexto para distinguir conceitos por meio da ULS EXEMPLO + CONCEITO;
Uso das categorias verbais: <b>É</b> oque, <b>USA</b> oque, não <b>USA</b> , <b>SERVE</b> para.
Enumera as características do conceito;
Caráter mais circular e menos conciso e objetivo

**Fonte:** elaborado pelo autor

## 6. Para não finalizar

O estudo apresentado não finaliza aqui, pois é apenas um ponto de partida. A partir dele, seguimos um caminho investigativo que dê conta de explicar, descrever e propor um modelo de definição na Libras no âmbito das Ciências Humanas. Para mais, esta investigação traz à tona a complexidade da prática definatória e os percursos traçados até o presente momento. Com os dados apresentados, juntamos evidências a fim de encontrar um modelo de DTS que seja eficiente para os consulentes Surdos.

Não obstante, os dados apresentados já podem contribuir com quem se interesse pela promoção da acessibilidade linguística – textual e terminológica - voltada para Surdos brasileiros. Tal contribuição associa-se a tantas outras pesquisas em terminografia que buscam tornar o conhecimento científico, técnico ou tecnológico mais democrático por meio de glossários de Libras. Nesse caminho, é necessário que esses materiais terminográficos possam beneficiar-se de um modelo ou de um padrão de DTS eficiente, apresentado em linguagem acessível.

Consideramos que a apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos se dá, também, por meio do uso dos sinais-termo ao longo da escolarização. Nesse processo, os alunos Surdos se deparam com eventuais pontos de complexidade textual e terminológica. Por essa razão, o estudo, organização e criação de glossários em Libras pode facilitar a aquisição desses conhecimentos. Assim, o uso de um modelo de DTS que seja eficiente e compatível com o nível de escolarização do público Surdo pode potencializar o aprendizado.

Dessa maneira, o estudo em desenvolvimento, cujos dados apresentamos neste artigo, é apenas mais um passo nos estudos em Terminologia de língua de sinais. Em uma caminhada feita a passos curtos, porém persistentes, continuamos à procura da compreensão da DT na Libras. Tendo como um pano de fundo as ciências consideradas Humanas, buscamos as melhores alternativas para oferecer conhecimento histórico para Surdos no Brasil.

## Referências

ARISTÓTELES. *Organon IV*. Lisboa: Guimarães Editora, 1987.

BALESTERO, M. de S.; ALMEIDA, G. M. de B.; PIEROZZI JUNIOR, I. Quando o especialista de domínio e as novas tecnologias entram em cena: impactos na definição terminológica. *Revista Linguasagem*, São Carlos, v.30, n.1, p. 1-27, jan./jul. 2019.

BESSÉ, B. Terminological Definitions. In: Handbook of Terminology Management: Basic Aspects of Terminology Management. Vol. I. Ellen Wright, Gerhard Budi (Orgs.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V., 1997. P. 63-74.

CABRÉ, M. T. *Éléments pour une théorie de la terminologie*. TIA'97, II RECONTRES TERMINOLOGIE ET INTELLIGENCE ARTIFICIELLE. Université Toulouse-le Mirail, 3-4 avril, 1997. Actas. Inedito.

\_\_\_\_\_. *Terminology: theory, methods and applications*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

D'AZEVEDO, R. P. *Terminologia da Matemática em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário bilíngue Libras-Português*. (Dissertação). Mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística: Universidade de Brasília-UnB, 2019.

DEL PRIORI, M.; VENANCIO, R. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

FAULSTICH, E. Para gostar de ler um dicionário. In: Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas. Conceição de Maria de Araújo Ramos; José de Ribamar Mendes Bezerra; Maria de Fátima Sopas Rocha. São Luiz: EDUFMA, 2010. p. 166-185.

\_\_\_\_\_. Características DO QUE É e PARA QUE SERVE nas definições de terminologias científica e técnica. In: As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. VII. Aparecida Negri Isquerdo; Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (Orgs.). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. p. 377 – 393.

FELTEN, E. F. *Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história do Brasil*. 2016. 167 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FINATTO, M. J. B. A Definição Terminológica do Dicionário Termisul: expressões linguísticas de relações conceituais complexas. In: As Ciências do Léxico: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia. OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a. p. 211-223.

\_\_\_\_\_. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras-PPG-Letras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, 2001b.

\_\_\_\_\_. *O papel da definição de termos técnico-científicos*. Revista da ABRALIN, vol. 1, no 1, p. 73-97, julho 2002.

HEGENBERG, L. *Definições: termos teóricos e significado*. São Paulo: Cultrix, Ed. USP, 1974.

JACKSON, H. *Lexicography*. Routledge: USA/Canada, 2002.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2018.

LARIVIÈRE, L. Comment formuler une définition terminologique. In: Meta, Vol. XLI, n°3. Québec: Les Presses de l'Université de Montréal, 1996. 405-418.

LEMONS, A. M. *Fraseologismo em língua de sinais e tradução: uma discussão necessária*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1173-1196, 2014.

NASCIMENTO, C. *Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Glossário Ilustrado Semibilíngue do Meio Ambiente, em Mídia Digital*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2016.

MELHORAMENTOS, Edições. Departamento Editorial das Edições Melhoramentos. *Nôvo Dicionário de História do Brasil Ilustrado*. São Paulo: Melhoramentos, 1971. p. 506.

MOURA, H. M. de M. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Ed. Insular, 1999.

PLATÃO. Teeteto. Tradução: Carlos Alberto Nunes. 3ª edição, Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

REY, A. Préface de la deuxième édition. Le Grand Robert de la langue française, deuxième édition, p. XII- XLII, 1984.

REY, A. *Essays on Terminology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

\_\_\_\_\_. *La terminologie. Noms et notions*. Paris: Universitaires de France, 1992.

SAGER, J. Carlos. *A Practical course in terminology processing*. Philadelphia: John Benjamins, 1990. 254p.

\_\_\_\_\_. *Essays on Definition*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.

TUXI, P. *A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Organização e de Registro de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico em Glossário Bilíngue*. (Tese) Doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística -PPGL da Universidade de Brasília. Brasília, 2017. 278 p.

THIRY-CHERQUES, H. R. *Conceitos e definições: o significado da pesquisa aplicada nas ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

VALE, L. M. *A importância da Terminologia para atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário de sinais-termo do Processo Judicial Eletrônico*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução: Universidade de Brasília, 2018. 119 p.